

## A trajetória de Romeu e Julieta: Do teatro inglês renascentista ao teatro popular brasileiro

Rogério Lopes da Silva Paulino (Bolsista FAPESP)

### Resumo:

*O objetivo desse artigo é fazer uma análise comparativa de três versões da história de Romeu e Julieta elaboradas em épocas e sociedades distintas: o texto dramático “Romeu e Julieta” de Shakespeare escrito na renascença, “A história do amor de Romeu e Julieta” escrita em 1996 pelo autor nordestino Ariano Suassuna e a montagem mineira da peça de Shakespeare encenada pelo grupo Galpão na década de 90. Através das soluções artísticas dadas em cada uma destas versões, espera-se captar os valores da época na qual cada artista estava inserido, explicitando os aspectos sociais que podem ter levado os autores a realizarem suas escolhas.*

**Palavras-chave:** Teatro Elizabetano, Ariano Suassuna, Grupo Galpão.

*As oposições que estruturam a percepção estética não são dadas a priori, mas historicamente produzidas e reproduzidas, são indissociáveis das condições históricas de seu emprego (BOURDIEU, 1996, p. 133).*

### Introdução

Romeu e Julieta é umas das histórias de amor mais conhecidas do ocidente. Apesar de haver aqueles que a considerem verdadeira, a peça escrita por William Shakespeare é mais uma das versões do mito grego de Píramo e Tísbe que, aliás, é contada pelo próprio Shakespeare na sua comédia Sonhos de Uma Noite de Verão. Muito popular na renascença inglesa, os personagens de Píramo e Tísbe foram transformados em Romeu e Julieta pelo autor Luigi da Porto. Em seguida o italiano Matteo Bandello adapta a história que foi posteriormente traduzida para o francês por Pierre de Boistieu de Launay. Artur Brooke traduziu desta última fonte em versos ingleses, dando-lhe o título de Tragical History of Romeo and Juliet, com o qual publica o poema em 1562. Foi daí que Shakespeare se inspirou para sua tragédia, que segue fielmente a versão de Brooke, de acordo com Carlos de Almeida C. Medeiros (MEDEIROS, 1978).

Em diversos países e épocas, a trágica história desse casal de jovens apaixonados foi e continua a ser re-escrita e encenada com as mais diversas leituras. No Brasil, por exemplo, para escrever A história do amor de Romeu e Julieta, Ariano Suassuna se baseou num folheto de cordel, O romance de Romeu e Julieta de João Martins Athayde que, por sua vez, foi elaborado a partir da versão de Matteo Bandello, que é anterior à de Shakespeare. Suassuna faz questão de reforçar este aspecto dizendo que sua obra é uma imitação brasileira de Bandello (SUASSUNA, 1997).

Neste artigo, realizaremos uma análise comparativa de três versões da história de Romeu e Julieta elaboradas em épocas e sociedades distintas: o texto dramático Romeu e Julieta de Shakespeare escrito na Renascença, A história do amor de Romeu e Julieta escrita em 1996 pelo autor nordestino Ariano Suassuna e a montagem mineira da peça de Shakespeare encenada pelo grupo Galpão na década de 90. Através das soluções artísticas dadas pelos criadores de cada uma destas versões, esperamos captar os valores da época na qual cada artista estava inserido. O objetivo não é avaliar estas obras de arte em si e fazer uma reflexão estética pura, mas buscar captar alguns dos valores da sociedade mineira, elizabetana e nordestina que se encontram latentes nas falas e nos gestos dos personagens de cada versão e explicitar os aspectos sociais que podem ter levado os autores a realizarem suas escolhas.

Inicialmente, pretendíamos analisar a questão do amor e da honra, duas das principais temáticas abordadas na peça, partindo apenas das versões literárias do texto, feitas por Shakespeare e Suassuna. Mas como uma obra de arte dramática pressupõe um jogo entre palco e platéia, público e atores, resolvemos acrescentar o texto performático da montagem do grupo Galpão como mais uma versão a ser abordada. Até por se tratar de uma montagem exemplar dessa peça, que foi considerada, por especialistas, como uma das melhores encenações de Romeu e Julieta na atualidade, muito bem aceita inclusive por críticos ingleses, sobretudo por ter aproximado a clássica história de Romeu e Julieta de uma expressão popular, como o teatro de rua, espaço onde a peça foi encenada.

Antes de iniciarmos nossa análise é importante que situemos rapidamente as obras de Suassuna e do Grupo Galpão. Suassuna é um dramaturgo brasileiro defensor fervoroso da preservação e da valorização da língua portuguesa (brasileira) e da cultura popular. Ele está sempre buscando aproximações entre a cultura popular e erudita, mostrando como a primeira é tão rica quanto a segunda. Boa parte de suas peças, conhecidas internacionalmente, foram elaboradas a partir de colagens de textos de diversos cordéis, como é o caso da sua obra mais famosa, *O auto da Compadecida*, que já foi encenada na França, Inglaterra e em outros países.

O grupo Galpão de teatro existe há mais de 25 anos e dentre seus campos de interesse destaca-se a pesquisa sobre a cultura popular, principalmente a mineira. Na encenação de Romeu e Julieta de Shakespeare, dirigida por Gabriel Vilela, em 1992, são utilizadas músicas e referências estéticas da cultura popular que conferem incomparável poesia à montagem; além de elementos melodramáticos próprios dos tradicionais dramas circenses representados nas cidades mineiras do século XVIII e XIX, resgatando o caráter popular das encenações realizadas pelo teatro renascentista. Isso fez com que uma peça, por muito tempo representada como um drama burguês, pudesse ser adaptada para o teatro de rua. Ao invés dos belos castelos de Verona, vimos os atores representando dentro de um camburão em plena praça pública, sem perder a poética do texto clássico.

## **Romeu e Julieta no reino da cultura popular**

Entre as três obras selecionadas para a análise, um primeiro aspecto a ser observado é que há em comum entre elas o fato de todas dialogarem com elementos da cultura popular. A peça Romeu e Julieta de Shakespeare, apesar de ser considerada um drama clássico da literatura teatral, está cravada de cenas e diálogos onde elementos cômicos, típicos da cultura popular, estão presente. Tais elementos foram muito bem aproveitados na montagem do grupo Galpão, como veremos adiante. Durante a renascença, as peças de Shakespeare eram vistas por pessoas do povo e, por isso, é possível identificar em sua estrutura elementos que favoreciam este diálogo. O filme *Shakespeare in Love* é um bom exemplo de reconstituição de época, para pensarmos o teatro elizabetano, do qual Shakespeare é uma espécie. No filme é possível perceber como o povo/espectador participava da cena, aplaudindo, vaiando, gritando.

Nos palcos elizabetanos, as apresentações ocorriam a céu aberto, sempre durante o dia. O palco era constituído de uma plataforma exterior, tendo ao fundo um pequeno palco interior que poderia ser ocultado por uma cortina. Existiam ainda outros elementos como um balcão acima do palco interior, urdimentos superiores que ficavam numa parte coberta do palco e etc. Mas o que nos interessa observar é que o público ocupava todas as galerias chegando mesmo a se sentar no próprio palco. O que mostra como era grande a proximidade entre palco e platéia. Um dos elementos fundamentais no teatro é o espaço cênico onde a peça será representada. O local da representação irá influenciar bastante a percepção do público, pois proporciona ângulos de vista distintos: numa arena a céu aberto ou num grande palco italiano, o público está distante, mas num teatro de bolso ou

numa representação realizada na rua, a proximidade é bem maior. Talvez por isso, o grupo Galpão tenha optado por realizar sua montagem no espaço da rua.

O teatro de rua não é uma invenção atual, o teatro guarda uma relação de ancestralidade com a rua, basta lembrarmos de Tespes, que é considerado um dos primeiros atores da Grécia antiga, e que fazia suas representações em palcos portáteis pelas ruas. Em Minas Gerais o teatro de rua se desenvolveu sobremaneira sendo considerado um dos mais expressivos do país, tendo suas raízes nos circos mambembes. Este tipo de teatro talvez tenha sido e continua sendo uma alternativa para a realização de peças com poucos recursos. Na rua são utilizados apenas pequenos adereços para a ambientação cênica, dispensando os grandes cenários. A encenação está centrada no trabalho do ator relacionado-se com o público, que, a todo o momento, é convidado a participar; como o faz o narrador na montagem de *Romeu e Julieta* do Galpão: “Convido-vos a transformar esta praça no salão de festa dos Capuleto.”

Estes elementos parecem estar presentes, também, no teatro de Shakespeare, que construía a peça valorizando o ator e o desenrolar da ação dramática, por isso é bastante difícil existirem nas suas peças elementos supérfluos. No teatro elizabetano os adereços utilizados na encenação eram referenciais e bastante simples, como no teatro de rua; as indicações sobre os locais onde a ação dramática ocorria estavam presentes nas falas dos atores.

Assim, o grupo Galpão apenas potencializou elementos que já eram próprios do universo de Shakespeare, inspirando-se fortemente em elementos da cultura popular, facilmente observáveis em cada cena, como por exemplo a caracterização grotesca de muitos personagens. A ama de Julieta utiliza peitos enormes, como se seu corpo não tivesse um fim e fosse sempre uma continuação formada por arestas. São estas arestas que facilitam a comunicação com o mundo exterior, que é essencial numa visão de mundo carnavalizada, própria do universo da cultura popular. Para Mikhail Bakhtin, na cultura popular, o homem reinventa o mundo de acordo com normas diferentes daquelas que regem o seu dia-a-dia. Neste mundo reinventado, que é uma recriação a partir do mundo ordinário, a festa, o riso, o grotesco são componentes essenciais. Remete-se freqüentemente ao baixo corporal, as atividades íntimas, como o sexo, o parto, o ato de urinar e de defecar a fim de se compor um quadro carnavalesco (BAKHTIN, 1999). No espetáculo do grupo Galpão, há ainda a utilização de pernas de pau, barbas postiças, maquiagem forte, incluindo o uso do nariz de palhaço; tudo isso caracterizado por um uso extra-cotidiano, exagerado e grotesco. O Grupo Galpão optou pelo teatro de rua, onde o contato com o público se dá de maneira mais direta que no teatro fechado.

A cultura popular se vale do riso reflexivo, ela satiriza a própria sociedade através de suas metáforas. Por exemplo, no carnaval há uma inversão significativa: pobres se vestem de ricos e ricos se fantasiam de pobres, tudo deixa claro que a sociedade sabe-se hierarquizada, porém não deixa de brincar com este fato. Por isso a cultura popular não é alienante. Estabelecendo estas festas, a sociedade se pensa e reelabora suas estruturas de maneira descontraída. Até a morte, que a princípio seria um fato triste, torna-se alvo de brincadeiras no universo da cultura popular, assim como fez o próprio Grupo Galpão em sua montagem. Mercúcio não deixa de fazer palhaçadas, mesmo à beira da morte. Alegria e tristeza se misturam e não são contraditórias. Elas convivem. Mesmo a morte de Julieta, um dos momentos mais trágicos da peça, é imediatamente seguida de uma canção alegre: “Flor, minha Flor, Flor vem cá. Flor, minha Flor, Flor vem cá”. Este tom de brincadeira é visto em toda a montagem. Já na primeira cena de batalha as armas são estilingues e na luta entre Teobaldo e Mercúcio, um late e o outro mia, como se fossem cão e gato.

Na *História do Amor de Romeu e Julieta*, de Suassuna podemos observar aspectos da cultura popular nordestina, principalmente no uso da linguagem do cordel e no uso da linguagem popular, carregadas de expressões regionais e cômicas, que não deixam de comportar métrica e poesia. Como nesta fala de Romeu ao ver Julieta:

Meu Deus, estou encantado  
com toda aquela beleza!  
Aquele Moço parece  
uma Fada, uma Princesa!  
Mercúcio, quem é aquela?  
Quem é aquela lindeza? (SUASSUNA, 1997, p. 5)

O cordel é uma gênero literário popular caracteristicamente brasileiro, com vocabulário rebuscado e rigorosa métrica, suas formas mais comuns são a sextilha e a décima. Esta forma de escrever versos remete ao estilo de escrita do período chamado de “o século de Ouro Espanhol”, com escritores como Calderón de La Barca e Tirso de Molina. Atualmente a publicação dos cordéis têm diminuído no nordeste e não é a toa que Suassuna reescreveu um clássico da dramaturgia universal em forma de cordel. Nada mais adequado para a elaboração de uma versão portuguesa de um texto primoroso como o de Shakespeare, do que usar o cordel, que confere à obra versos tão poéticos e sonoros como os da versão inglesa.

A descrição do cenário da peça de Suassuna prevê um pequeno palco dentro do maior, além do coro que dialogaria o tempo todo com a platéia. Suassuna sugere, ainda, que seja utilizado o recurso dos bonecos (mamulengos) para a execução de algumas cenas de seu texto, assim como o Grupo Galpão utiliza bonecos de espuma em sua montagem. O mamulengo é um típico teatro de bonecos do nordeste. Feitos com “papel machê”, eles possuem as feições disformes e o linguajar chulo. Estes, tanto como os bonecos utilizados pelo Galpão, são elementos cômicos e grotescos.

Tanto o Galpão como Suassuna estão tentando retomar o caráter popular das representações teatrais. Esta utilização dos elementos populares visa alcançar uma linguagem que seja estritamente teatral, não há a necessidade de copiar a realidade, como fizeram boa parte dos encenadores a partir do século XIX. A quarta parede, construída pelo distanciamento causado entre atores e platéia no palco italiano, é uma característica marcante de um certo teatro burguês, que pretendia imitar a vida. Os atores representavam ignorando a presença da platéia. Atualmente, apesar das grandes produções comerciais ainda se valerem de todo os tipos de efeitos especiais em suas representações, em busca de iludir a platéia, existem diversos pesquisadores de teatro que estão à procura de uma maior aproximação com o público, pois não estão preocupados em reproduzir a natureza, mas sim, de dialogar com a platéia, convidando o público a reinventar a própria vida dentro do teatro. Uma das formas de fazer isto é utilizando a linguagem popular.

Segundo Suassuna a tradição do teatro ocidental, isto é, a tragédia grega, a comédia latina, os mistérios medievais, o teatro elizabetano, o teatro clássico francês, o romantismo alemão e o já citado século de ouro espanhol, sempre esteve mais ligada às manifestações espetaculares, ou seja, festas e ritos religiosos, do que à literatura. “O próprio texto teatral era concebido procurando-se uma transfiguração teatral do mundo e não uma imitação rasteira da realidade cotidiana. (...), entretanto, ao que parece por influência do naturalismo do século XIX, o teatro europeu esqueceu-se de suas origens e enveredou por um caminho burguês, intimista e falsamente realista.” (RABETTI, 1999, p. 103)

Pierre Bourdieu nos mostra que o teatro, a literatura e outras artes tomaram este caminho devido à pressão exercida pelos novos-ricos sem cultura que sugeriram após a expansão industrial do Segundo Império e com as indústrias e negociantes com gigantescas fortunas. Espalha-se pela sociedade uma hostilidade em relação às coisas intelectuais e passa a predominar uma lógica financeira. Foi por volta de 1840 que surge uma arte comercial diretamente sujeita às expectativas do público. O romance passa a ser a arte mais apreciada pela burguesia, nas suas versões mais fáceis, sobretudo o teatro. Os dramaturgos passam a colocar em cena os valores e as idéias defendidas pela burguesia,

esperando-se alcançar uma moralização da sociedade. Segundo Bourdieu, Dumas filho, dramaturgo francês, pretendia ajudar na transformação do mundo por meio de um pintura realista dos problemas da burguesia, ou seja, dinheiro, casamento, prostituição e etc (BOURDIEU, 1996, p. 143).

Portanto, o que Suassuna está chamando de realidade falsamente realista é esta tentativa da burguesia de tornar os seus valores como os valores fundamentais da sociedade, desconsiderando as outras classes. Sem falar que mesmo as questões que estavam presentes em seu universo eram tratadas de forma suavizada, para não abalar a sua imagem. Até hoje a literatura dramática sofre este tipo de influência burguesa, até porque a burguesia continua bem forte e atuante, sendo responsável pela produção de toda a teledramaturgia brasileira, por exemplo. Do mesmo modo, as peças de Shakespeare foram representadas como dramas burgueses por muito tempo, até que experiências mais recentes têm buscado potencializar toda a teatralidade de sua obra, assim como fez o grupo Galpão, ao adaptar Romeu e Julieta para o teatro de rua.

## **O amor inglês versus a honra nordestina**

A forma de contar a história, isto é, os elementos estéticos, desde o cenário aos figurinos, a linguagem e os espaços da encenação variaram menos de uma versão para outra do que a temática de cada uma das peças analisadas. Os códigos da cultura popular, mesmo produzidos em contextos distintos, imprimiram uma estética com características bastante similares. Entretanto, o tratamento de algumas temáticas sofreram bastante alterações em sua transposição do teatro elizabetano para o contexto brasileiro; basta observarmos a forma como o amor e a honra, duas das temáticas mais importantes dessa história, foram abordadas. Tal aspecto pode ser percebido desde o início de cada peça.

Shakespeare utiliza-se do recurso do coro para iniciar o seu texto. O coro contextualiza os acontecimentos no espaço, contando onde se passa a história, isto é, em Verona, e ainda fala sobre a inimizade de duas famílias, das quais nascem dois amantes. O coro antecipa-se aos acontecimentos e já descreve a morte dos amantes: “Os terríveis momentos de seu amor mortal e a obstinação do ódio das famílias, que somente a morte de seus filhos pôde acalmar, serão, durante duas horas, o assunto de nossa representação” (SHAKESPEARE, 1978, p. 30). Na montagem do Galpão o coro é representado por um ator que aparece em diversos momentos com a função de fazer a ligação entre trechos da peça, ora devido a partes do texto que foram eliminadas, ora devido à redução do número de personagens para a montagem.

Na *História de Amor de Romeu e Julieta*, de Suassuna, há dois coros, mas o papel deste é bastante diferente daquele assumido na montagem do Galpão. Nesta o coro é uma espécie de acessório que possibilita um entendimento mais claro da sequência dos acontecimentos. Não é este, entretanto, o principal papel do coro em Suassuna, embora, em muitos momentos, assuma uma função semelhante. O coro, de certa maneira interfere nos acontecimentos emitindo sua opinião. Ele age como a “voz da sociedade” na peça, é ele quem diz aquilo que deveria ser feito de acordo com as regras da sociedade. Em sua primeira fala, já existe a introdução de um elemento novo, que não existe em Shakespeare, e que está relacionado ao também novo contexto que a peça assume. Em Shakespeare as duas famílias inimigas são iguais em nobreza, mas impulsionadas por antigos rancores. Em Suassuna, as duas famílias são também inimigas, porém, uma delas é identificada como de boa índole e a outra não:

*Verona, antiga cidade  
da Província italiana,  
foi berço dos Capuletos,  
aquela raça tirana,  
inimiga dos Montéquios,*

*família honesta e humana (SUASSUNA, 1997, p. 5).*

Além deste novo elemento, os antigos rancores de que fala Shakespeare assumem aqui uma nova face, pois o pai de Romeu é preso, quando este era ainda uma criança com apenas quatro anos de idade, e sua mãe é morta pelo punhal do próprio Duque de Capuleto. Seu pai nada pode fazer e é somente quando Romeu completa seus vinte anos de idade que o Conde Montéquio conta-lhe o acontecido e lhe pede que vingue sua mãe morta. A morte da mãe de Romeu é um fato que não existe em Shakespeare. No nordeste brasileiro este é um motivo justo para que se busque vingança. Uma ofensa contra a mãe é algo que, na maioria das vezes, deve ser paga com a própria vida.

A diferença da sociedade da época de Shakespeare pode ser percebida neste momento, já que é a morte de Mercúcio, amigo de Romeu, que faz com que este se sinta obrigado a uma vingança contra um membro da família de Julieta. Os desentendimentos com Teobaldo são até superados por Romeu, pelo amor a Julieta, mas a morte do amigo não deixa dúvidas quanto a necessidade de vingança. É preciso, porém, ressaltar que a amizade entre os homens, neste período, era sublimada e distinta das relações homossexuais no sentido estrito. As convenções sociais faziam com que houvesse a tendência de se colocar a amizade masculina acima do amor entre homens e mulheres (HELIODORA, 1981). Assim, embora não haja dúvidas sobre o amor de Romeu por Julieta, não havia para ele outra saída que não fosse matar Teobaldo e vingar seu amigo morto.

Muito embora a história de Suassuna seja bastante machista, a ponto do narrador iniciar a obra dizendo:

Vou contar, neste Romance,  
a história de Romeu.  
A sua curta existência,  
E tudo o que padeceu.  
Foi a história mais tocante  
Que a minha pena escreveu (SUASSUNA, 1997, p. 5).

É em torno da morte de uma mulher que se desencadeiam os acontecimentos, o que provavelmente não faria sentido para a época e para a sociedade de Shakespeare. No entanto, não é a morte de qualquer mulher, mas a morte de uma mãe, neste caso a de Romeu. É possível perceber essa questão quando se analisa o porquê do próprio Montéquio (pai) não ter vingado o assassinato de sua esposa, tendo esperado até que o filho pudesse fazê-lo. É Romeu quem deve vingá-la, já que foi sua mãe quem morreu.

Os sentimentos de lealdade e de honra nos dois casos são provocados por diferentes razões que correspondem ao momento histórico e social: em Shakespeare são os laços de amizade; em Suassuna, a morte da mãe de Romeu. No primeiro, apesar de amar Julieta e de já estar casado com ela, Romeu corresponde adequadamente ao que se espera da honra e da lealdade de um amigo. No segundo, entretanto, Romeu quebra a promessa de vingança feita a seu pai quando conhece Julieta, como nos informa Quaderna(coro):

Romeu, que era valente  
- diz sua biografia -,  
soube, dita por seu Pai,  
a dor que este sofria.  
Romeu jurou de vingá-lo,  
no mesmo ou no outro dia.  
Mas logo deixa a promessa  
no fundo de uma gaveta.  
Bastou ver, num belo seio  
um cacho de violetas.  
Mesmo inimiga do Pai,

amou logo a Julieta (SUASSUNA, 1997, p. 6).

Na versão de Suassuna, Romeu é um egoísta que atraiçooou sua família, vista no sertão como mais importante que o próprio indivíduo. Assim, a noção da predestinação presente em Shakespeare desaparece, Quaderna (coro) deixa claro que tudo que aconteceu foi castigo por Romeu não ter vingado sua mãe, o que lhe trouxe má sorte. O seu castigo não foi obra do destino e nem de Deus, o que indica que o Romeu nordestino tinha autonomia para alterar seu destino.

Romeu foi falso a seu Pai,  
vem daí o seu castigo.  
Faltou-lhe tenacidade:  
não percebeu o perigo  
de se casar com a filha  
de seu pior inimigo!  
Foi este o maior motivo  
de sua infelicidade.  
Romeu traiu a família,  
Faltou-lhe com a lealdade.  
Onde existe um ódio antigo  
não pode haver amizade (SUASSUNA, 1997, p. 9).

Poderíamos dizer que, apesar da história ser a mesma, os motivos que provocaram a tragédia em Shakespeare são diferentes dos descritos por Suassuna. Em Shakespeare, veremos que o destino, associado aos elementos da astronomia, faz com que a tragédia esteja traçada desde o início e seja inevitável. Temos diversos exemplos em que os personagens se sentem subjugados pelos astros, como quando Romeu fica sabendo da morte de Julieta: “Oh! Aqui fixarei minha eterna morada para libertar esta carne, farta do mundo, do julgo do mau influxo das estrelas!” Nenhum dos personagens recorre a Deus ou a outra entidade divina para questionar o seu destino.

Em Suassuna, Romeu diz à Julieta:

Se algum dia tu souberes  
que eu, longe de ti, morri,  
murmura a Deus uma prece  
por quem tanto amou a ti (SUASSUNA, 1997, p. 8).

Esta fala denuncia a presença do Cristianismo no nordeste e em todo o Brasil, mesmo assim, este é o único momento em que se faz referência a Deus. Já que tratamos de religião, vale observar que na montagem do Galpão de Romeu e Julieta aparecem elementos da religiosidade popular, típicas da sociedade mineira, que não estavam presentes nem mesmo na peça de Shakespeare. Em vários momentos: na festa de Julieta, no seu casamento e no seu funeral os personagens seguravam folhas de comigo-ninguém-pode, espada de São Jorge, arruda e outras plantas mágicas com as quais eles faziam menção de estar se benzendo.

Uma questão que está intimamente relacionada com a honra e a lealdade é a visão do amor que se assume em cada momento. Observemos esta fala de Julieta:

Ó Romeu, Romeu! Por que és Romeu? Renega teu pai e recusa teu nome; ou, se não quiseses, jura-me somente que me amas e não mais serei uma Capuleto. Somente teu nome é meu inimigo. Tu és tu mesmo, sejas ou não um Montecchio. Que é um Montecchio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem outra parte qualquer pertencente a um homem. Oh! Sê outro nome! Que há em um nome? O que chamamos rosa, com outro nome, exalaria o mesmo perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa cara perfeição que

possui sem o título. Romeu, despoja-te de teu nome e, em troca de teu nome, que não faz parte de ti, toma-me toda inteira! (SHAKESPEARE, 1978, p. 51)

Neste momento, Julieta não só declara seu amor a Romeu, mas também se dispõe a separar-se de sua família. E Romeu da mesma maneira dispõe-se a tal ato de individualismo extremo. De acordo com Viveiros de Castro e Ricardo Araújo (CASTRO E ARAÚJO), no ato da renúncia dos nomes podemos observar a passagem dos valores de uma sociedade marcadamente coletivista em que a família é mais importante que o indivíduo, para uma sociedade com valores individualistas. O indivíduo passa a definir suas ações, é ele quem define com quem irá se casar. O conflito que dá origem a maior história de amor de todos os tempos pode ser pensado como o surgimento do amor, tal como hoje o concebemos.

No entanto, o Romeu nordestino diz para Julieta:

Teu pai matou minha Mãe,  
quando eu era menino.  
Jurei vingar essa morte,  
Porém decreta o Destino  
que tudo seja esquecido,  
ante teu rosto divino!  
Serei perjuro! Jamais  
a meu Pai eu voltarei!  
A teus pés, divina imagem,  
o teu Escravo serei!  
Juro que junto de ti  
viverei e morrerei! (SUASSUNA, 1997, p. 7)

Pode-se perceber na fala do Romeu nordestino a consciência de que seu ato quebra com as regras familiares e sociais de honra e lealdade de tal forma que, ele mesmo, decreta seu próprio destino: não poderá voltar a seu pai. Como vimos, ele rompe com sua família e com as regras sociais e reconhece que a partir de então é somente o amor de Julieta a sua razão de viver.

Em Shakespeare, apesar de ser o amor que provoca a ruptura dos laços familiares, o sentimento é respeitado como algo tão importante que justifica a atitude dos jovens. O próprio Príncipe de Verona vai dizer que “onde é que estão esses inimigos? Capuleto! Montecchio! Vede o flagelo que caiu sobre vosso ódio e como os céus acharam meio de, pelo amor, destruir vossas alegrias!” (SHAKESPEARE, 1978, p. 75). Os tristes acontecimentos acabaram por levar à reconciliação entre as famílias rivais, ou seja, a morte dos jovens fez com que a paz voltasse a imperar.

Por outro lado, em Suassuna, Romeu não tinha o direito de amar Julieta, sua inimiga. Traindo sua família é ele próprio quem traça os acontecimentos infelizes que se sucederão, sendo a vingança, sem dúvida, mais importante que o amor. Não há nenhum motivo de reconciliação e não há possibilidade de paz através da morte de um fraco, que se deixou levar pelo amor de uma mulher e que faltou com a palavra a seu próprio pai. Tanto que a cena da reconciliação das famílias não aparece na peça de Suassuna.

A importância do amor como sentimento, bem como, as concepções deste mesmo sentimento nas duas obras, diferem grandemente. Em Shakespeare ficou famosa a cena do balcão, onde os dois jovens conversavam, trocavam juras de amor e faziam planos, mas onde também a distância dos corpos é grande. O amor de Romeu por sua Julieta parece inalcançável, não somente pela distância que as conveniências familiares impunha, mas também pela distância que se mantém entre ela, no



balcão, e ele, fincado ao chão. O balcão mostra ainda um pouco da concepção de amor da época: a dama é alguém que está acima do cavalheiro e que pode, através de um amor puro elevá-lo acima de si mesmo. É por isso que Julieta está no alto, ela é quase divina, enquanto que ele é humano. O amor dela pode elevá-lo. É por seu amor que ele se sentirá mais puro. A união de Romeu e Julieta dá-se de maneira clandestina por causa da já existente inimizade entre as famílias, mas a morte do primo de Julieta, pelas mãos de Romeu, intensifica ainda mais este sentimento. No entanto, como já estavam unidos perante a Igreja e como o amor de Julieta por Romeu superava as regras e as conveniências sociais, finalmente Romeu rompe a distância do balcão e sobe até o quarto de Julieta para a consumação do casamento. Neste momento Shakespeare não faz menção aos acontecimentos, mas os deixa em suspenso, mostrando um diálogo dos pais de Julieta com um pretendente e com o arranjo de seu casamento para uma data próxima. Quando novamente são os dois amantes os protagonistas da cena o que se mostra é a chegada da manhã e com esta a chegada da hora de partida do marido de Julieta.

O mesmo não acontece na *História de Amor de Romeu e Julieta*, de Suassuna. Após o casamento Julieta dirige-se para sua casa e é seguida por Romeu. Diferentemente de Shakespeare, onde as mortes de Mercúcio e de Teobaldo são extremamente importantes para se compreender toda a trama, aqui não existe a mesma relevância. Teobaldo já se encontra morto quando Julieta se casa com Romeu, diferentemente do que ocorre na outra peça, onde é depois de casado que Romeu mata Teobaldo. À chegada de Romeu Julieta diz: “Quem bate na minha Porta? Quem bate? Quem está aí?” E Romeu responde: “Ah, minha amada, é Romeu! Sua Porta venha abrir!” Enquanto se encaminha para a cama, Julieta fala com Romeu:

No deitar da minha Cama,  
se rompeu o meu Frandil.  
No descer da minha Escada,  
me caiu o meu Chapim.  
Eu te pego pela mão,  
tu entras no meu Jardim.  
Te faço Cama de rosas,  
travesseiro de Jasmim.  
Te lavo em água-de-cheiro,  
te deito em cima de mim (SUASSUNA, 1997, p. 8).

Os dois entram e fecha-se a cortina. Deste momento em diante, isto é, na cena da noite de núpcias, são utilizados bonecos, que descrevem os fatos nos seguintes termos:

Romeu:

Eu tirei minha Gravata,  
ela tirou o Vestido.  
Eu, o cinto, com o Revólver,  
ela, seus quatro Corpinhos.  
As anáguas engomadas  
soavam nos meus ouvidos  
como um tecido de seda  
por vinte facas rompido.  
Eu toquei os seus belos peitos  
que estavam adormecidos,  
e eles se ergueram, de súbito,  
como ramos de jacinto.  
Naquela noite eu passei  
pelo melhor dos caminhos,  
montado em Potrinha branca,

mas sem Sela e sem estribos.  
Suas coxas me escapavam,  
como peixes surpreendidos,  
metade cheias de fogo,  
metade cheias de frio.

Julietta:

Ele tirou a Gravata,  
eu tirei o meu Vestido.  
Ele, o cinto, com o Revólver,  
E eu, meus quatro Corpinhos.  
As anáguas engomadas  
soavam nos meus ouvidos  
como um tecido de seda  
por vinte facas rompido.  
Ele tocou nos meus Seios,  
que estavam adormecidos ,  
e eles se ergueram, de súbito,  
como ramos de jacinto.  
Naquela noite, corri  
pelo melhor dos caminhos,  
montada por um Ginete,  
mas sem Sela e sem estribos.  
Minhas coxas lhe escapavam,  
como peixes surpreendidos,  
metade cheias de fogo,  
metade cheias de frio (SUASSUNA, 1997, p. 8).

Existe, portanto, uma grande diferença nas concepções de amor utilizadas nas duas peças. Em Shakespeare, o amor é um sentimento puro, capaz de elevar a alma e, além disto é um sentimento superior que justifica a atitude dos amantes contra as regras da sociedade. Em Suassuna, o amor possui um lado mais carnal, de atração dos corpos, que é demonstrada, sobretudo, na cena da noite de núpcias, embora seja interpretada por bonecos. Somente o fato de se ter acrescentado tal cena na peça já demonstra diferença suficiente de concepção. Os elementos utilizados na descrição desta cena ainda remetem a uma grande proximidade com a cultura do sertão, isto é, o cinto, o revólver, a faca e a própria comparação do ato sexual com o ato de montar num cavalo.

No decorrer deste artigo procuramos mostrar que as três obras analisadas, apesar de terem origens tão distintas, guardam bastante semelhança, sobretudo no que diz respeito ao caráter popular. Os aspectos da cultura popular, a saber: a comicidade, o apelo ao grotesco e a festa são como invariantes de uma estrutura que se atualiza de acordo com cada sociedade, no nordeste (A História do Amor de Romeu e Julieta de Suassuna), em Minas Gerais (Romeu e Julieta do Grupo Galpão) ou na Inglaterra (Romeu e Julieta de Shakespeare). A sociedade fornece os materiais culturais que serão utilizados na fabricação desta estrutura, que por ser estrutura não é estática, mas se modifica de acordo com os materiais culturais fornecidos. No entanto, por mais que a história contada seja a mesma, houve significativas variações no que estava sendo contado, pois as questões em pauta em cada contexto histórico e geográfico eram diferentes. Cada autor apropriou-se da história a seu modo imprimindo os valores presentes em sua sociedade na obra de arte. Nas palavras de Bourdieu, “as oposições que estruturam a percepção estética não são dadas a priori, mas historicamente produzidas e reproduzidas, são indissociáveis das condições históricas de seu emprego”(BOURDIEU, 1996, p.133).

O melhor exemplo disso é o caso de Suassuna, que contou uma das mais conhecidas histórias de amor da humanidade para negá-la posteriormente, mostrando como a honra e a lealdade à família estão acima de qualquer espécie de amor romântico. Assim termina a peça de Suassuna:

Quem odeia a traição  
Tem que dizer como eu:  
como o rapaz não vingou-se  
de tudo o que o Pai sofreu,  
eu escrevi, mas não gosto,  
da história de Romeu (SUASSUNA, 1997, p.9).

## **Referências bibliográficas**

- [1] BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento* - O contexto de Francois Rabelais. São Paulo: Hucitec, Edunb, 1999.
- [2] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- [3] CASTRO, Viveiros & ARAÚJO, B. Ricardo. Romeu e Julieta e a origem do Estado. *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro, 1984.
- [4] HELIODORA, Bárbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- [5] MEDEIROS, Carlos de Almeida Cunha. Sinopses, dados históricos e notas para SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Botelho, o mouro de Veneza*. São Paulo: Victor Civita, 1978.
- [6] RABETTI, Beti. Ariano Suassuna: Apontamentos para o Dossiê. *O Percevejo*. Rio de Janeiro: UNIRIO, março, 1999.
- [7] SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Botelho, o mouro de Veneza*. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes; sinopses, dados históricos e notas de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. São Paulo: Victor Civita, 1978.
- [8] SUASSUNA, Ariano. A história do amor de Romeu e Julieta. *Folha de São Paulo*, São Paulo: Folha de São Paulo, jan.1997.